

C

O

S

M

O

L

O

G

S

L

A

205-A

216

227

238

227-A

dg984554/984772

dg983952/984039

dg983947/983951

dg984040/984064

dg984065/984271

dg984072/984292

dg984293/984467

dg984468/984553

dg983936/983946

dg983583/983935

dg983245/983582

dg985088/985186

dg985074/985087

dg984781/985073

dg985187/985207

dg981231/981347
dg982448/983244
dg986198/986217

dg990053/990229

dg988991/989071

dg989977/990033

dg989072/989236

dg990034/990054

dg989237/989626

dg9931/989976

dg989627/989721

dg989722/989857
dg989858/989897

dg989898/989930

dg986190/986197tt

dg985208/986189

COSMOLOGIAS

SABUGAL / FÓIOS

16 de julho - 15 de setembro 2021

“Cosmos”, do grego kosmos, tem 3 sentidos fundamentais:

- a ordem, no sentido de organização;
- o mundo, como ordem do universo, em particular o céu;
- o ornamento, adorno do corpo humano (cosmética).

É disto que nos falam as cosmologias.

Para um antropólogo, cosmologia é o conjunto articulado de razões de ser que o mundo tem numa determinada cultura.

Augustin Berque *Recosmiser la Terre. Quelques leçons péruviennes* 2018 Ed. B2-69

A exposição - COSMOLOGIAS - Sabugal/Fóios, reúne artistas e comunidades (cientistas, pastores, ex-contrabandistas, agricultores...) com diferentes abordagens à realidade, construindo uma diversidade de mundos individuais e colectivos.

A visão antropocêntrica é substituída por uma visão orgânica onde tudo está interligado. Saímos do paradigma antropomorfo para abraçar um arquétipo cosmomorfo onde o humano ganha consciência do seu lugar na teia do vivo. A noção de coexistência dinâmica onde a alimentação é central, porquanto é ela que conduz à agricultura e pecuária, está no coração deste novo paradigma.

Essa visão da terra, com as técnicas e tecnologias, influencia diretamente os modos de produção mas também os meios e as paisagens em que aqueles se inserem. A arte e a ciência são essenciais para desenhar mundos. Uma arte e uma ciência enraizadas num território com a sua própria história e paisagem moldadas ao longo do tempo pelas forças geológicas e dos seres vivos, aí incluída a mão humana. É esta multiplicidade que apresentamos na exposição do Museu do Sabugal numa interação com os espaços exteriores, nomeadamente Fóios, Navasfrias e Eljas (aldeias da Cordilheira Central da Península Ibérica), antecipando futuras ações entre povos de montanha aquém e além fronteira.

Este convívio materializa-se durante a *Caminhada* e a *Convivência* do sábado 17 e domingo 18 de julho em Fóios. Um pirilampo de Erik Samakh será simbolicamente confiado à aldeia de Eljas, Espanha. A *Mesa Redonda* no jardim do Museu do Sabugal, quarta feira dia 21 de julho, leva-nos a reflectir sobre a relação meios/seres vivos numa perspectiva simbiótica.

EXPOSIÇÃO 16/07 18 h

Apresentação do livro PES 2017

Museu do Sabugal

Entre escrita, fotografia, vídeo e performance Duarte Belo, Erik Samakh, Laëtítia Morais, Rodrigo Braga, Annick Boissel e Carlos Casteleira convidam-nos a escutar as pedras. Entre as estrelas e as serras, as paisagens dizem-nos para ouvirmos o vento e a água. Entre a terra e o céu, a arte fala-nos do espaço e do tempo.

- Duarte Belo TEMPO CHÃO, a paisagem do SABUGAL
- Erik Samakh PIRILAMPOS DO CÔA
- Laëtítia Morais TARDE FRIA e Rodrigo Braga PONTO ZERO, entre a Barroca do Zezêre e o Cabeço do Pião (Aldeias do Xisto/Fundão)
- Carlos Casteleira LINHAS DE PASSAGEM com ex-contrabandistas, agricultores e pastores de Fóios.
- Annick Boissel COLÓNIA AGRÍCOLA MARTIM REI, uma travessia.

Num conjunto de ações coletivas e participativas, numa combinação entre as comunidades e as forças vivas do território destacamos a importância de viver em sintonia com a terra e olhar o céu para ativar imaginários. Uma viagem que começa no Museu do Sabugal dia 16 de julho com a exposição e a apresentação do livro PES 2017 *Interações entre o ser humano e os meios em territórios de montanha*, passa pela nascente do Côa e Fóios e regressa ao Museu do Sabugal, para a *Mesa Redonda* a 21 de julho.

EM BUSCA DOS PIRILAMPOS 17/07

Partidas de Fóios 18h GMT e de

Navasfrias 19h GMT+1.

Encontro na nascente do Côa 21h GMT

Em Busca dos Pirilampos activa uma compreensão do território e da espessura espaço-temporal que ele carrega. Dos biótopos às rotas do contrabando e dos pastores, dos caminhos dos agricultores às linhas de fronteira e a sua transgressão, da simbiose e convivência entre todos os seres que habitam a terra, fazemos um livro aberto para o conhecimento.

Os dois grupos, de Espanha e Portugal, encontram-se na nascente do Rio Côa e partilham a ceia iluminados pelos pirilampos, a lua cheia e as eólicas. As pessoas, o alimento, a vida, a serra além fronteiras.

CONVIVÊNCIA 18/07 16 h

Fóios

Este encontro entre artistas e povos de ambos os lados da fronteira será uma oportunidade para a entrega de um pirilampo à aldeia de Eljas (Sierra da Gata), simbolizando a união dos espaços dos pontos de vista biológico e geológico, antropológico e agora também artístico. A exibição do filme *Rewilding Portugal* dará um dos motes para as conversas que, esperamos, ali frutifiquem.

MESA REDONDA 21/07 18h

Museu do Sabugal

Reflexão sobre como nos relacionamos e como queremos nos relacionar com o mundo que nos rodeia. Da importância das artes, das ciências e da tecnologia nas interações com o meio. Convidados: Carlota Simões, Pedro Gadanho, Rui Simão, Álvaro Domingues, Laëtítia Morais, Duarte Belo, Rodrigo Braga, Pedro Prata, Tiago Porteiro, Manuela Ferreira, Erik Samakh... Mediadores: Manuela Pires da Fonseca e Carlos Casteleira.

Projeção do documentário «*Rewilding, um novo caminho para a natureza em Portugal*» que revela a enorme biodiversidade do Grande Vale do Côa e os esforços de renaturalização que estão a ser feitos para a sua preservação. Retrata dois grandes projetos em curso, conduzidos pela *Rewilding Portugal* e pelos parceiros *Rewilding Europe*, *ATNatureza*, *Universidade de Aveiro* e *Zoo Logical*.



POR FAVOR SIGA AS INDICAÇÕES COVID VIGENTES

O Projeto Entre Serras, Rede de Arte, entre Agricultura e Biodiversidade (PES) pretende reflectir sobre a ligação entre as comunidades e os meios humanos e animais.

Desde 2017 empenhado em criar uma rede de arte contemporânea no referido território, o PES vai estabelecendo parcerias que permitem a realização de uma nova edição cada ano.

Publicação produzida pela Câmara Municipal de Sabugal e Projeto Entre Serras.

Conceção Gráfica Carlos Casteleira

Textos Manuela Pires da Fonseca e Carlos Casteleira

<https://projetoentreserras.wordpress.com>

info: projetoentreserras@gmail.com

PROVERE CENTRO 2020 PORTUGAL 2020

Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos



Erik Samakh
PIRILAMPOS do CÔA
agosto 2017

As intervenções de Erik Samakh no âmbito do PES consistem na instalação de artefactos electrónicos em lugares emblemáticos da rede de arte contemporânea do Projeto Entre Serras. Trata-se de pequenas luzes LED, alimentadas por energia solar durante o dia, que imitam o pulsar do pirilampo durante a noite, criando lugares poéticos e proporcionando aos habitantes locais e visitantes uma experiência simbiótica com o meio envolvente. Protocolos de visitas e de sensibilização à arte contemporânea vão sendo desenvolvidos com a colaboração de associações de caminheiros, escolas e outras entidades ligadas à natureza.

Passo a passo, vai-se revelando a rede: pioneiras, as pequenas luzes iluminam as caminhadas noturnas. As luzes marcam o espaço e deixam vestígios, memórias de reuniões futuras com os seres que moldam a paisagem e o território, como o fizeram os seres humanos das gravuras rupestres do Vale do Côa.

O espaço torna-se um lugar de escuta.

<http://www.documentsdartistes.org/artistes/samakh/repro.html>

Caminhada
EM BUSCA DOS PIRILAMPOS DO CÔA
17 de julho 2021

Fóios foi para nós uma serendipitosa descoberta em 2017 durante a instalação, por Erik Samakh, de 3 pirilampos electrónicos junto à nascente do rio Côa, em plena Serra das Mesas, simbolizando a perda e, simultaneamente, resiliência, da biodiversidade. Mal sabíamos que em Fóios encontraríamos... a Humanidade.

O ser humano foi-se movimentando erratically pelo mundo que ia descobrindo. No Paleolítico já haveria percursos definidos, e sabemos que o Vale do Côa foi um deles, exaustivamente percorrido até à sua nascente, junto a Fóios. Com o Neolítico, a domesticação das plantas (agricultura) e dos animais (pastoreio) gerou dois tipos de espaço: o sedentário e o nómada. No caso dos territórios de montanha, a altitude compromete fortemente a produtividade da agricultura e o espaço nómada ganha importância. Mas os dois espaços, se existem em contraposição, estão também em osmose: agricultores e pastores têm necessidade de um contínuo intercâmbio dos seus produtos e de um espaço híbrido, neutro, onde o intercâmbio seja possível. Em Fóios, este espaço neutro esteve temporariamente fechado por uma fronteira. Ambivalente, a fronteira dificultou, mas também valorizou a transgressão: o contrabando e a emigração a salto foram escape para uns e modo de vida para outros. O espaço circundante à povoação tornou-se então território profundamente conhecido dos seus habitantes, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam com o percurso. Com um número muito limitado, mas essencial, de pontos de referência estáveis, o nómada desenvolve a capacidade de construir o seu próprio mapa em cada instante. Assim, enquanto para os sedentários os espaços nómadas estão vazios, para os nómadas eles pululam de rastros invisíveis: qualquer forma é passível de ser um lugar útil para se orientar e com o qual construir um mapa mental desenhado com pontos (lugares específicos), linhas (os percursos) e superfícies (territórios homogéneos), que se transformam no tempo.

No triplo entendimento de acto da travessia (acção), de linha que atravessa o espaço (objecto), e de relato do espaço atravessado (experiência, estrutura narrativa), o *percurso* tem vindo a ser explorado enquanto forma estética desde o século passado.

No dia 17 de Julho 2021 subimos à Serra das Mesas em busca dos pirilampos. Os que há 300 mil anos assistem à nossa subida, e os mais recentes de Erik Samakh. Iniciamos a caminhada com um percurso sedentário através da povoação, somos nómadas no espaço aberto da montanha. Enquanto isso, as nossas mentes seguem percursos erráticos num espaço temporal que nos transporta do passado paleolítico a um futuro que desejamos mais simbiótico. Do outro lado da fronteira sobe em espelho desde Navasfrías uma comitiva hispana com a qual nos encontramos sobre a linha de fronteira. Aí iniciamos uma narrativa colectiva, um devir do Projeto Entre Serras no ponto de união entre as metades portuguesa e espanhola do seu território, a Cordilheira Central Ibérica.

POR FAVOR SIGA AS INDICAÇÕES COVID VIGENTES

Duarte Belo TEMPO CHÃO A Paisagem do Sabugal

“Salvemos o lince e a serra da Malcata” foi uma campanha, no final da década de 1970, destinada a chamar a atenção para o perigo de extinção do lince Ibérico, considerada a mais ameaçada espécie de felinos em todo o mundo. Corria o ano de 1987 quando tinha o cartaz da campanha afixado na casa onde vivia, no Porto, quando estudava arquitetura nessa cidade. O cartaz era como um convite à viagem, ao desejo de conhecer aquela serra interior, na fronteira com Espanha. Reuni alguns amigos e partimos, no verão seguinte, em 1988. Tinha já na altura um enorme desejo de conhecimento do espaço português que calcorreava nos períodos de interrupção letiva. São desta data as primeiras fotografias que fiz no Sabugal. São poucas e insípidas, reflexo da aprendizagem que fazia do próprio processo fotográfico. Era uma tecnologia analógica, bastante diferente do mundo digital em que atualmente nos encontramos. E Portugal era também um país muito diferente. A adesão à então Comunidade Económica Europeia iria dar início a um processo acentuado de alteração da fisionomia das paisagens do território nacional, a todos os níveis. Vivíamos um dos acontecimentos mais relevantes da história do Portugal contemporâneo.

Numa outra viagem, no final de 1994, percorri as terras do Douro Superior. É uma paisagem fascinante, em que no granito do Douro Internacional é talhado o maior canhão fluvial da Península Ibérica, escarpas habitadas por grifos. Esta paisagem une-se, a jusante, às terras do xisto, ao país vinhateiro, onde as encostas são desenhadas por escadarias de geios, em terras profundamente humanizadas. O diálogo entre estas duas formações rochosas, granito e xisto, simultaneamente próximas e distantes, dá origem a uma das mais singulares e impressionantes paisagens de Portugal. É neste território que tem foz o rio Côa, que nasce na serra das Mesas, não longe de Fóios, no concelho do Sabugal.

Poucos meses depois, no início de 1995, estoura a polémica em torno da construção da barragem de Foz Côa. A construir-se, a albufeira da barragem irá submergir um conjunto de gravuras rupestres do Paleolítico Superior, na altura reveladas à comunidade científica. O conjunto das gravuras, inscritas em painéis de xisto gravavícuo, atraia arqueólogos das mais diferentes geografias. O curso terminal do Côa virá a ser considerado como o mais importante espaço de gravuras rupestres ao ar livre do mundo. A história é conhecida, a construção da barragem foi interrompida e em 1996 foi criado o Parque Arqueológico do Vale do Côa. Dois anos mais tarde, em 1998, a Unesco declara os vários conjuntos de gravuras como Património da Humanidade.

Foi no âmbito da defesa das gravuras e do vale do Côa que sou desafiado a percorrer todo o vale daquele rio, desde a serra das Mesas até à foz, para a recolha de fotografias a incluir na reedição do livro A Bacia Hidrográfica do Côa e Algumas Notas Etnográficas de Ribeira-Côa, de Carlos Alberto Marques, publicado originalmente em Coimbra, na revista Biblos, entre 1935 e 1938.

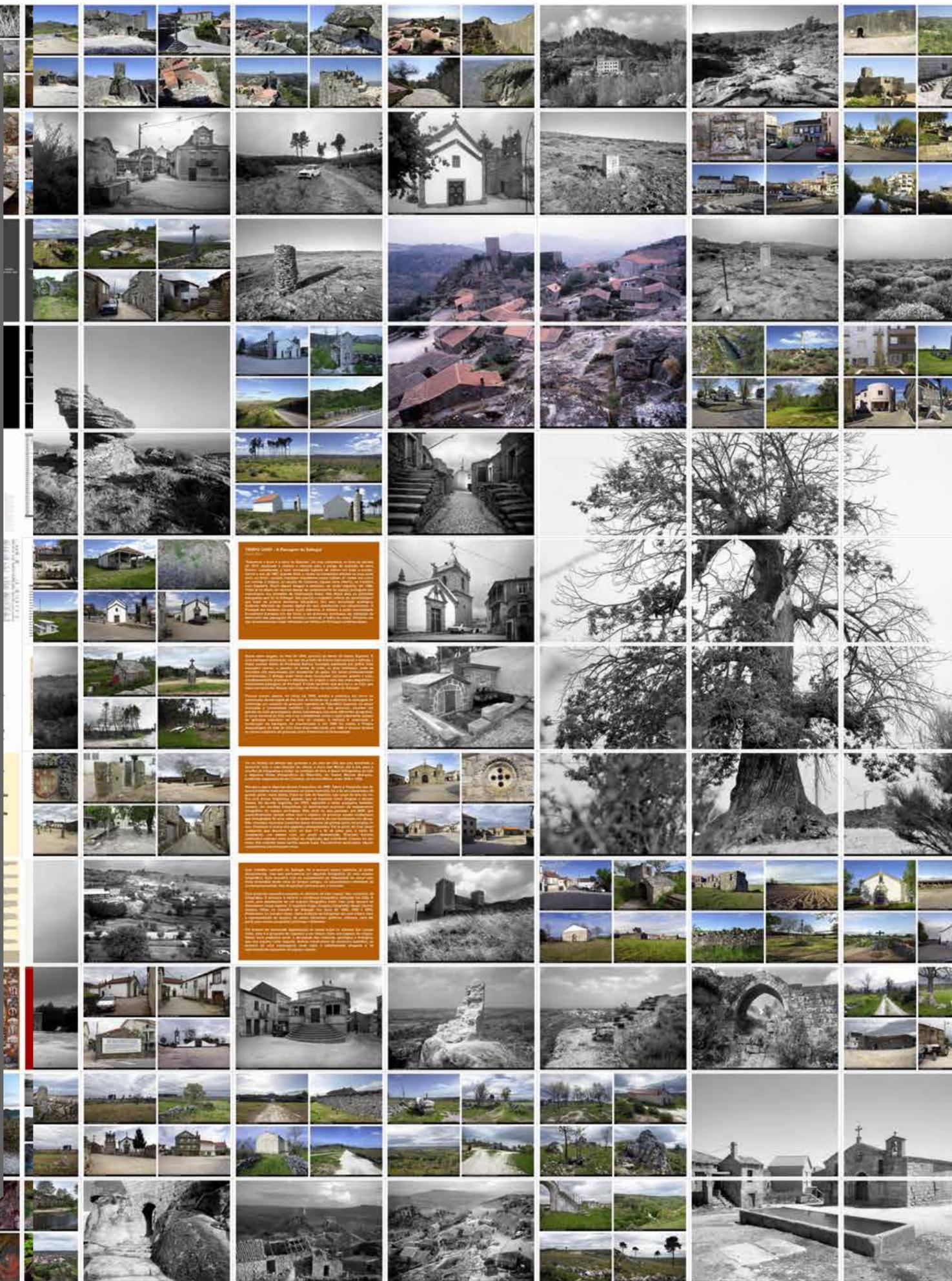
Recupero agora algumas dessas fotografias de 1995. Talvez a fotografia que de forma indelével mais permaneceu na minha memória, tenha sido a de um castanheiro de grande porte, numa aldeia, Fóios ou Vale do Espinho, não longe do leito do rio. Era uma árvore majestosa, gigante, que se impunha numa singular e secular beleza. Na década seguinte, em 2003, regresssei a estas paragens, também, sempre, em recolhas fotográficas no interminável processo de mapeamento fotográfico do espaço português. Mas seria no ano passado, em 2020, que especificamente desejei voltar com o objetivo de procurar aquele castanheiro que fotografara 25 anos antes. A minha memória da sua localização era difusa. Não consegui encontrar nenhuma dessas árvores de grande porte reportadas no céu. Continuei a busca dos gigantes desaparecidos. Foi já perto do final desta campanha que decorreu entre os dias 17 e 22 de agosto que, à saída de Quadrazais, me deparo com um souto abandonado. Enormes troncos calcinados estavam semi ocultos na vegetação que entretanto cresceu ao seu redor. Um incêndio havia varrido aquele lugar. Parcialmente queimados, alguns castanheiros permaneciam vivos.

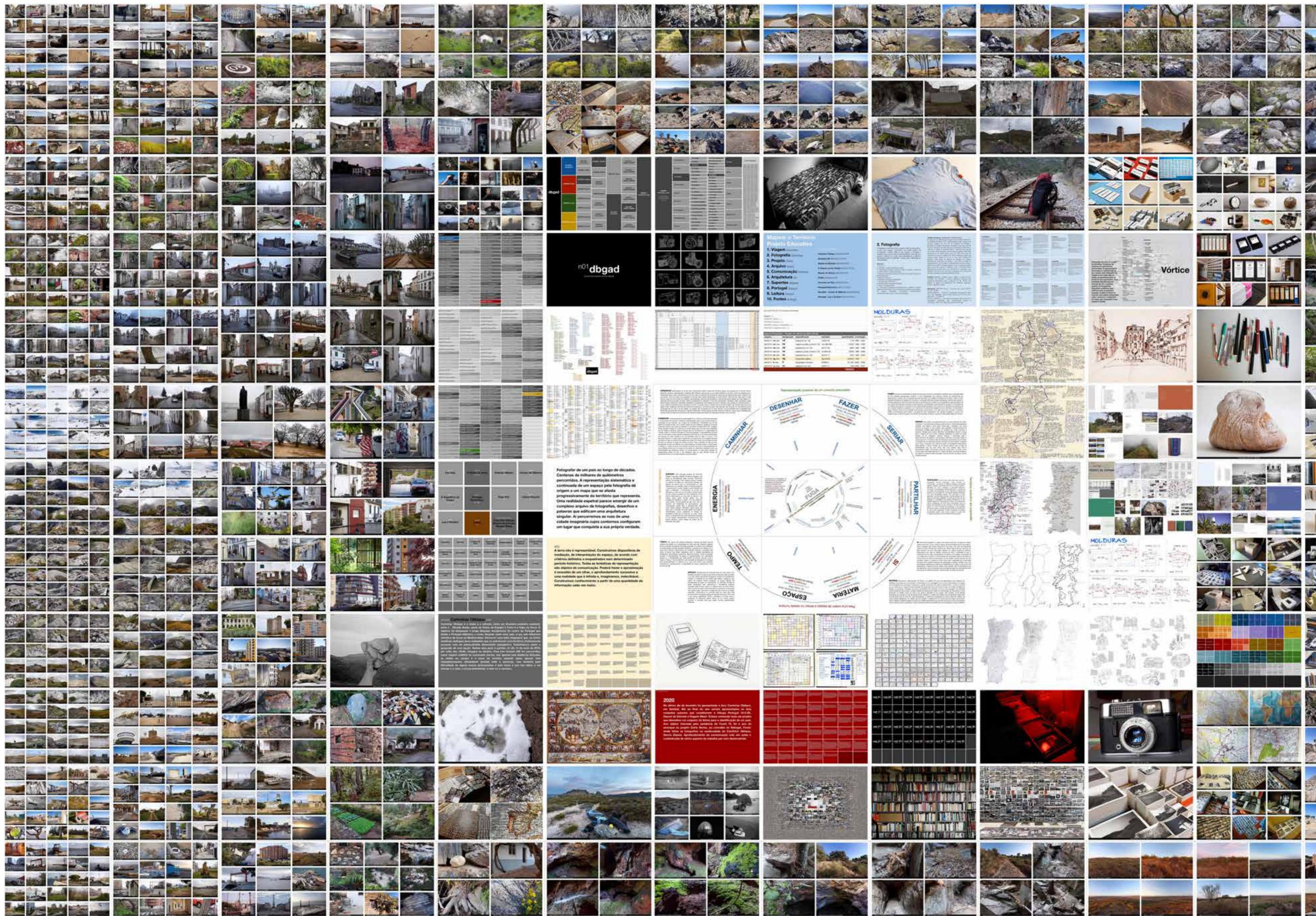
Este trabalho centrado no Sabugal, foi a procura desse passado, já quase desaparecido, que permanecia em algumas fotografias do meu arquivo fotográfico. Este encontro com os castanheiros de Quadrazais foi como uma lenta despedida desta ruína de tempos antigos, na avassaladora celeridade da contemporaneidade. Nas fotografias permanecerá a memória.

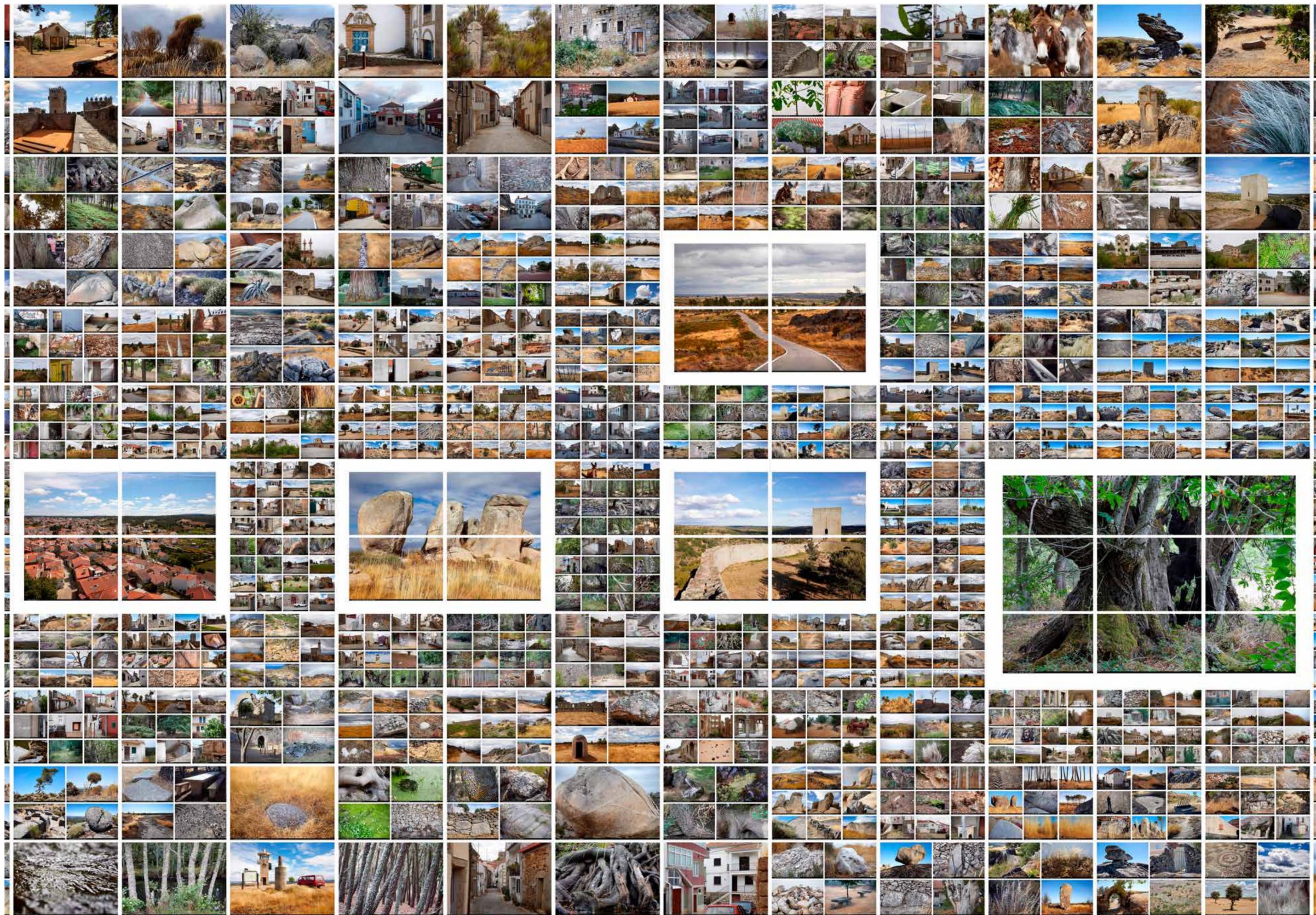
Esta proposta expositiva assenta no desenho de três mapas, três conjuntos de fotografias. O primeiro é relativo à residência fotográfica realizada em 2020. É como uma atualização de um arquivo fotográfico vasto mas onde sempre se descobrem novos lugares. O segundo mapa recupera fotografias desse mesmo arquivo, feitas no concelho do Sabugal nos anos de 1988, 1995 e 2003. Finalmente, no terceiro mapa, nesta ambição de fotografar um país inteiro, faço a representação do arquivo, de vários elementos gráficos, sínteses, para daí partir para outras geografias próximas e distantes.

Em tempos de acentuada digitalização de quase todos os aspetos das nossas vidas, esta é a proposta de regresso a um tempo chão, aos lugares de origem. Nessa terra podemos sentir a densidade das matérias, geológica e biológica, que nos erguem como espécie. Somos construtores de universos paralelos, na procura de uma cosmogonia onde cabe o infinitamente pequeno e as representações possíveis do espaço celeste.

Duarte Belo, junho 2021







Rodrigo Braga
PONTO ZERO
Barroca do Zêzere - Cabeço do Pião
Aldeias do Xisto

O que vê, sente, percebe e cria um artista quando passa uma temporada por entre as Aldeias do Xisto, no interior de Portugal, às margens do rio Zêzere, em trilhos em áreas de mineradoras, e por entre florestas de pinheiros e suas queimadas constantes? Essa foi a proposta do Projeto Entre Serras ao brasileiro Rodrigo Braga, acostumado por se expressar através de mimesis com a natureza em suas distintas exuberâncias, seja na imensidão amazônica, na seca do sertão brasileiro ou em tantas outras paisagens de diversos continentes.

Durante o verão de 2019, o artista fez uma residência no Conselho do Fundão, onde pode dialogar com as histórias daquele lugar e buscar a sua forma de reconhecimento com o meio envolvente.

Braga nos apresenta as suas descobertas e o seu processo ao sair da sua caverna. Assim como pode ser observado na sua produção dos últimos anos, o artista se utiliza de elementos e materiais distintos e contrastantes, que confrontam-se mas também nos mostram a interdependência de um para existir o outro. A escuridão e a luz. A ignorância e o conhecimento. Saindo da sombra e do senso comum, o artista percorre as profundezas de uma terra queimada e explorada, e encontra a formação mais básica e primária de um lugar: a pedra.

A morte da natureza é vivida e o artista entende-se parte do todo: despe-se e arranca seus cabelos sendo capaz de mimetizar com esse lugar onde está, mas que também é de onde viemos e para onde vamos. Como se compreendesse a necessidade de morrer para renascer, Braga se aprofunda e chega ao centro da terra e nos apresenta uma tentativa de zerar tudo e recomeçar do zero. O homem, o meio e suas interações.

O preenchimento desse espaço só é possível depois de esvaziado por completo. Assim, o artista apresenta um renascimento do globo desde o seu cerne, com pedras que são chocadas por um homem também em sua forma mais primitiva.

Ponto Zero nos oferece um caminho de pedras já lapidadas pelas mãos de Rodrigo Braga, a ser descoberto se quisermos nos aventurar a também sairmos de nossas próprias cavernas.

Marcella Marer

<http://www.rodrigobraga.com.br>



Laetitia Morais

TARDE FRIA

Barroca do Zêzere - Cabeço do Pião

Aldeias do Xisto

Laetitia apresenta uma obra videográfica na forma de instalação, já que se requeria a visualização simultânea de intrincadas qualidades territoriais entre o Cabeço do Pião e a Barroca do Zêzere, região onde desenvolveu a sua residência em agosto 2019.

"Esta instalação propõe a visualização simultânea de contraditórias qualidades territoriais da região entre o Cabeço do Pião e a Barroca do Zêzere. Relatos documentais ou devaneios urgem questionar os efeitos da exploração mineira na paisagem e na vivência dos seus habitantes.

Os minerais recolhidos do subterrâneo e expostos à luz, na forma de colinas invertidas – as chamadas lavrarias ou escombreyras – impõem-se numa paisagem, onde resta muito pouco de pristino.

Esperança Antunes e o seu companheiro José Catarino percorrem, duas vezes ao dia, o ténue caminho que separa o rio Zêzere das lavrarias de minério. Ao longo desse caminho – dizem eles – ou se canta, ou se chora, ou se remete ao silêncio.

Contudo, nada é autoevidente – as imagens movem-se na relação intrínseca entre efeito-afeto e é precisamente pela indeterminação que esta obra se apresenta.

Recorde-se a definição de «terceira zona» de Michel Serres, onde nem o Sol nem a Terra são o centro. Ele refere que o centro real de uma órbita se situa entre a esfera brilhante e o ponto sombrio*.

Deslocar matéria do centro da terra para o seu exterior parece igualmente influir a trajetória do que o circunda: Esperança declara o seu intento, a cobra canta e o rio morre".

Laetitia Morais

* "Le centre réel de chaque orbite gît exactement à un tiers place, juste entre ses deux foyers, le globe étincelant et le point obscur."

Serres, Michel (1991), *Le tiers-instruit*

<https://laetitiamorais.weebly.com/>

But the grizzly that is grizzly and white



Carlos Casteleira LINHAS DE PASSAGEM

Esta proposta vem-se desenvolvendo no Conselho do Sabugal desde 2017, ano da instalação dos Pirlampos do Côa de Erik Samakh.

Ao longo dos séculos a linha virtual da fronteira foi quebrada por pastores, agricultores e contrabandistas que teimosamente moldaram de forma idêntica os povos de ambos os lados, mais perto entre si que dos respetivos centros de decisão nacionais.

Linhas de passagem explora a memória e o imaginário deste território. Caminhando e fotografando a GR do Côa, registei o mapa desse percurso pelo GPS do telemóvel acidentalmente interrompido pela falta de bateria.

No trilho dos artistas caminhantes (Hamish Fulton, Stalker ...) ambiciono uma compreensão hipnótica do inconsciente do território e da espessa espaço-temporal que ele carrega.

Dos biótopos às rotas do contrabando e dos pastores, dos caminhos dos agricultores às linhas de fronteira e à sua transgressão, da convivência à simbiose entre todos os seres que habitam a terra, tento abrir a realidade da paisagem a um conhecimento sensível.

Durante a inauguração da exposição convido ex-contrabandistas, pastores e agricultores a virem contar-nos estórias do espaço e do tempo e a apontarem no mapa os marcos e as trajetórias das suas memórias.

<https://projetoentreserras.wordpress.com>



Annick Boissel
COLÓNIA AGRÍCOLA MARTIM REI
uma travessia

Annick Boissel, atenta a ambientes e biótopos, fotografou as parcelas da Colónia Agrícola Martin Rei em agosto de 2020. Esta travessia, em forma de levantamento fotográfico, mostra-nos fragmentos do solo e das espécies vegetais das parcelas de um hectare na luz crua do verão.

Formada em arquivos audiovisuais e orais (CNAM / INTD Paris), Annick Boissel interessa-se pela valorização de dados digitais, especialmente na forma de livros que pretendem enriquecer o espaço web.

PSICO-GEOGRAFIAS

Breve estudo sobre a perceção dos territórios e dos meios

- 1 Qual a sua idade ?
- 2 Qual a sua profissão ?
- 3 Onde mora (nome da povoação) ?
- 4 O que entende por “território” ?
- 5 Como se representa o seu território ?
- 6 Descreva de forma breve e simples, um ou dois lugares do seu território (o meu quintal, a minha casa, a dos meus pais, a minha escola, a aldeia, o castanheiro, os limites e a fronteira, as minhas caminhadas...). Localize-os num desenho, se possível.
- 7 *Em Busca dos Pirilampos do Côa*: descreva um ou dois lugares emblemáticos desta caminhada (lugares ou acontecimentos marcantes). Localize-os e desenhe-os no mapa.
- 8 Acha que um lugar pode mudar com o decorrer do tempo ?

**Colónia
Agrícola
Martim Rei**

